

A GRANDE REGRESSÃO

Um debate internacional sobre os novos
populismos — e como enfrentá-los



Estação Liberdade

A GRANDE REGRESSÃO

ORGANIZAÇÃO
HEINRICH GEISELBERGER

A GRANDE REGRESSÃO

Um debate internacional sobre os novos
populismos — e como enfrentá-los

Tradução
Silvia Bittencourt
Alexandre Hubner
Débora Landsberg
Sérgio Molina
Luciano Vieira Machado



Estação Liberdade

Título original: *Die große Regression*

© Suhrkamp Verlag, Berlim, 2017

© Heinrich Geiselberger, 2017, © Arjun Appadurai, 2017, © Zygmunt Bauman, 2017, © Donatella della Porta, 2017, © Nancy Fraser, 2017, © Eva Illouz, 2017, © Ivan Krastev, 2017, © Bruno Latour, 2017, © Paul Mason, 2017, © Pankaj Mishra, 2017, © Robert Misik, 2017, © Oliver Nachtwey, 2017, © César Rendueles, 2017, © Wolfgang Streeck, 2017, © David Van Reybrouck, 2017, © Slavoj Žižek, 2017, © Renato Janine Ribeiro, 2019

© Editora Estação Liberdade, 2019, para esta tradução

PREPARAÇÃO Editora Estação Liberdade | REVISÃO Beatriz Carneiro e Gabriel Joppert | SUPERVISÃO EDITORIAL Letícia Howes | EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon
DIREÇÃO EDITORIAL Angel Bojadsen

A TRADUÇÃO DESTES LIVROS FOI GENTILMENTE FINANCIADA PELO
MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G779

A grande regressão : um debate internacional sobre os novos populismos e como enfrentá-los / Arjun Appadurai ... [et al.] ; tradução Sílvia Bittencourt ... [et al.]. - 1. ed. - São Paulo : Estação Liberdade, 2019. 352 p. ; 21 cm.

Tradução de: *Die große regression*
ISBN 978-85-7448-303-0

1. Populismo. 2. Direita e esquerda (Ciência política). I. Appadurai, Arjun. II. Bittencourt, Sílvia.

19-57793

CDD: 320.5662

CDU: 323.2

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

17/06/2019 24/06/2019

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.
Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda
01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180
www.estacaoliberalidade.com.br

Sumário

- 9 Prefácio
Heinrich Geiselberger
- 19 Fadiga da democracia
Arjun Appadurai
- 37 Sintomas à procura de um objeto e um nome
Zygmunt Bauman
- 57 Política progressista e regressiva no
neoliberalismo tardio
Donatella della Porta
- 77 Neoliberalismo progressista versus populismo
reacionário: a escolha de Hobson
Nancy Fraser
- 91 Populismo ou a crise das elites liberais: o caso
de Israel
Eva Illouz
- 115 Futuros majoritários
Ivan Krastev
- 135 A Europa como refúgio
Bruno Latour
- 149 Vencendo o medo da liberdade
Paul Mason
- 175 A política na era do ressentimento: o tenebroso
legado do Iluminismo
Pankaj Mishra

- 197 Coragem para ousadia
Robert Misik
- 215 Descivilização — Sobre tendências regressivas
nas sociedades ocidentais
Oliver Nachtwey
- 233 Do retrocesso global aos contramovimentos
pós-capitalistas
César Rendueles
- 253 O retorno dos reprimidos como início do fim do
capitalismo neoliberal
Wolfgang Streeck
- 275 Caro presidente Juncker
David Van Reybrouck
- 293 A tentação populista
Slavoj Žižek
- 315 O Brasil voltou cinquenta anos em três
Renato Janine Ribeiro
- 345 As colaboradoras e os colaboradores
- 351 Fontes

Prefácio

“Quando uma ordem mundial desaba,
inicia-se a reflexão a seu respeito.”

ULRICH BECK, 2011¹

A ideia deste livro surgiu no final do outono de 2015, após uma série de atentados ter abalado Paris, em 13 de novembro, e a discussão sobre a chegada de centenas de milhares de refugiados ter se tornado cada vez mais intensa na Alemanha. O trato político, midiático e discursivo para com esses acontecimentos deixou a impressão de que o mundo voltara de repente para trás dos padrões arduamente alcançados e tidos como seguros.

Em um contexto imediato de terrorismo e migração está o fato de que ao redor do mundo se expandem os territórios onde não vigora mais um Estado. Os três países de origem da maioria das pessoas que pediram asilo na Alemanha em 2016 — Síria, Afeganistão e Iraque — ocupam os primeiros lugares no *Fragile State Index* daquele

1. Ulrich Beck. “Kooperieren oder scheitern. Die Existenzkrise der Europäischen Union”. In: *Blätter für deutsche und internationale Politik* 2 (2011), p. 41-53.

ano, elaborado pela ONG Fund for Peace.² Enquanto as manchas brancas nos mapas tornavam-se cada vez menores ao longo dos séculos, isto parece agora ir em outra direção: nos tempos de Google Maps, crescem paradoxalmente os territórios sobre os quais pouco se sabe e que os antigos cartógrafos teriam descrito com a frase *hic sunt leones*.

Muitas reações políticas frente aos atentados terroristas e aos movimentos migratórios encaixam-se, por sua vez, em um modelo que poderíamos qualificar de “securitização” (*securitization*) e de política simbólica pós-democrática: tornaram-se barulhentos os apelos por cercas ou mesmo por ordens de disparo nas fronteiras; o presidente francês impôs o estado de exceção e declarou que o país encontrava-se em guerra. Incapazes de tratar as causas globais de desafios como migração, terrorismo e crescente desigualdade com meios nacionais ou confrontá-las com estratégias de longo prazo, cada vez mais políticos preferem aplicar o *law and order* em seu país e prometer torná-lo “grande” de novo.³ No seu papel de empregados, cossobranos, estudantes ou usuários da infraestrutura pública, não se pode mais oferecer muita coisa aos cidadãos e cidadãs nos tempos de austeridade. Assim, o ponto principal da ação política desloca-se para a dimensão do pertencimento nacional, para a promessa de segurança e restabelecimento do (suposto) brilho de tempos passados.

2. J. J. Messner. *Fragile State Index 2016*. Washington: The Fund for Peace, 2016, p. 7.

3. Ver também Zygmunt Bauman. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Seria possível aumentar a lista dos sintomas da recaída quase de forma ilimitada: com o desejo de uma desglobalização anárquica e unilateral ou com o surgimento do movimento identitário, por exemplo, na França, Itália e Áustria; com a xenofobia e islamofobia crescentes; com uma onda da chamada criminalidade do ódio; e, naturalmente, com a ascensão de demagogos autoritários como Rodrigo Duterte, Recep Tayyip Erdoğan ou Narendra Modi.

Tudo isto se associou, já no final do outono de 2015, a um histerismo e brutalização do discurso público e a certo instinto apocalíptico por parte das mídias consolidadas. Aparentemente, não se podia mais falar de fuga e migração sem empregar conceitos de campos lexicais como “catástrofes naturais” e “epidemias”.⁴ Em vez de clamar por descontração e pragmatismo ou contextualizar os acontecimentos historicamente e, desta forma, relativizá-los, o perigo do terror e a migração foram estilizados, não só na Alemanha, como os maiores desafios — e, assinalemos, não desde a reunificação, mas desde a Segunda Guerra Mundial. E tanto nas manifestações como na internet circulam, de repente, conceitos como “imprensa mentirosa”, “ditadura da chanceler” e “traidores do povo”.

Sintomas como estes serão discutidos neste livro sob o conceito da “grande regressão”. Este deve exprimir, para

4. O que seria visualmente salientado pelo fato de que as fotos correspondentes mostravam, com frequência, pessoas usando máscara bucal (para o que deve haver motivos práticos), como é o caso da jornalista húngara, que em setembro de 2015 deu pontapés nos refugiados.

além de toda crença progressista ingênua — provavelmente implicada no conceito —, que os “efeitos-catraca” parecem ter sido anulados nos mais diversos campos e que nos tornamos testemunhas de uma perda de “civildade” considerada definitiva.⁵ Entretanto, o termo deve caracterizar, ao mesmo tempo, outro fenômeno: o fato de que o debate sobre os efeitos da globalização caiu, às vezes, para alguém do nível que ele alcançara cerca de vinte anos atrás. Duas previsões — que hoje podem ser consideradas proféticas — foram várias vezes lembradas logo depois da eleição de Donald Trump: a frase de Ralf Dahrendorf, segundo a qual o século XXI poderia se tornar “o século do autoritarismo”⁶, e o livro de Richard Rorty *Achieving Our Country*, no qual ele problematiza os efeitos da globalização (e o papel da “esquerda cultural”) e lista toda uma série de possíveis retrocessos: a ascensão de “demagogos ordinários”, um aumento da desigualdade social e econômica, o irromper de um “mundo orwelliano”, uma revolta dos mais frágeis, um retorno do “sadismo”, do ressentimento e dos comentários depreciativos sobre mulheres e membros de minorias.⁷

5. Ver também, a respeito do conceito “modernização regressiva”, Oliver Nachtwey. *Die Abstiegs-gesellschaft. Über das Aufbegehren in der regressiven Moderne*. Berlim: Suhrkamp, 2016.

6. Ralf Dahrendorf. “Anmerkungen zur Globalisierung”. In: *Perspektiven der Weltgesellschaft*. Org. Ulrich Beck. Frankfurt: Suhrkamp, 1998, p. 41-54, p. 52 e seguintes.

7. Richard Rorty. *Stolz auf unser Land. Die amerikanische Linke und der Patriotismus*. Frankfurt: Suhrkamp, 1999, sobretudo o capítulo 4, “Eine kulturelle Linke”, p. 43-103, p. 81 e seguintes. [Ed. orig.: *Achieving Our Country: Leftist Thought in Twentieth-Century America*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.]

A coletânea na qual se encontra a perspectiva de Dahrendorf aqui citada surgiu em 1998 e, com ela, chegou-se ao auge de uma primeira onda de reflexão sobre a globalização. Ao folhear os livros daquele ano, nos deparamos com outras frases que podem servir como comentários sobre os acontecimentos de 2016. Wilhelm Heitmeyer chamava a atenção para um “capitalismo autoritário”, uma “política de repressão estatal” e um “populismo de direita brutal”.⁸ Dani Rodrik profetizava que a globalização levaria a uma “desintegração social”, e advertia para o fato de que uma “recaída protecionista” não seria um cenário irrealista.⁹

Muitas dessas avaliações baseiam-se em algo como a “mecânica polanyiana” de uma segunda grande transformação. O historiador econômico austro-húngaro Karl

8. Wilhelm Heitmeyer. “Autoritärer Kapitalismus, Demokratieentleerung und Rechtspopulismus. Eine Analyse von Entwicklungstendenzen”. In: *Schattenseiten der Globalisierung. Rechtsradikalismus, Rechtspopulismus und separatistischer Regionalismus in westlichen Demokratien*. Org. Dietmar Loch e Wilhelm Heitmeyer. Frankfurt: Suhrkamp, 1998, p. 497-534, p. 500.
9. Dani Rodrik. *Grenzen der Globalisierung. Ökonomische Integration und soziale Desintegration*. Frankfurt/Nova York: Campus, 2000 [1997], p. 86. Também podemos citar neste contexto, entre outros, Benjamin Barber. *Coca-Cola und Heiliger Krieg. Wie Kapitalismus und Fundamentalismus Demokratie und Freiheit abschaffen*. Bernal Munique/Viena: Scherz, 1996; Noam Chomsky. *Profit Over People. Neoliberalismus und globale Weltordnung*. Hamburgo/Viena: Europa Verlag, 2000; Viviane Forrester. *Der Terror der Ökonomie*. Viena: Zsolnay, 1997 [ed. bras.: *O horror econômico*, São Paulo: Unesp, 1997]; Robert B. Reich. *Die neue Weltwirtschaft. Das Ende der nationalen Ökonomie*. Berlim/Frankfurt: Ullstein, 1993; Harald Schumann e Hans-Peter Martin. *Die Globalisierungsfälle. Der Angriff auf Demokratie und Wohlstand*. Reinbek: Rowohlt, 1996; Joseph E. Stiglitz. *Die Schatten der Globalisierung*. Berlim: Siedler, 2002.

Polanyi esboça em seu clássico *The Great Transformation*, publicado em 1944, como a sociedade industrial capitalista surge no século XIX a partir de relações menores, feudais, marcadamente agrárias, integradas política, cultural e institucionalmente, trazendo uma série de consequências colaterais e movimentos contrários, até a economia adequar-se novamente aos patamares dos Estados de bem-estar nacionais.¹⁰ Este desenvolvimento extensivo do ponto de vista geográfico e social repete-se agora, pois o capitalismo deixa para trás as fronteiras do Estado nacional — e mais uma vez com muitas consequências colaterais e movimentos contrários.¹¹ Basta lembrarmos da fundação da Attac em 1998, da chamada “Batalha de Seattle” em 1999 e do primeiro fórum social internacional em 2001, em Porto Alegre, do lado da esquerda¹², e dos primeiros sucessos dos populistas críticos à globalização, à direita: do surpreendentemente forte desempenho de Pat Buchanan nas prévias dos Republicanos estadunidenses em 1996

10. Karl Polanyi. *The Great Transformation. Politische und ökonomische Ursprünge von Gesellschaften und Wirtschaftssystemen*. Frankfurt: Suhrkamp, 1978 [1944].

11. Ver também — referindo-se explicitamente a Polanyi — Philip G. Cerny. “Globalisierung und die neue Logik kollektiven Handelns”. In: *Politik der Globalisierung*. Org. Ulrich Beck. Frankfurt: Suhrkamp, 1998, p. 263-296.

12. Acompanhados naquele tempo por outros influentes diagnósticos jornalísticos e teóricos, devemos nos lembrar de livros como Naomi Klein. *No Logo! Der Kampf der Global Players um Marktmacht — ein Spiel mit vielen Verlierern und wenigen Gewinnern*. Munique: Riemann, 2001; ou Michael Hardt e Toni Negri. *Empire. Die neue Weltordnung*. Frankfurt/Nova York: Campus, 2002 [ed. bras.: *Império: a nova ordem política da globalização*, Rio de Janeiro: Record, 2000].

(e ao qual Rorty e Rodrik se referiram) ou do sucesso do FPÖ¹³ de Jörg Haider, que conseguiu ser o segundo mais votado nas eleições parlamentares austríacas em 1998.

Resumindo as possíveis soluções daquela época, impunha-se uma readequação da economia desenfreada em um patamar global: através do estabelecimento de instituições transnacionais, a política devia dedicar-se a procurar soluções globais para problemas globais. Paralelamente a isto, devia surgir uma mentalidade correspondente, um sentimento cosmopolita do “nós”.¹⁴

A ironia amarga consiste no fato de que os riscos da globalização esboçados naqueles tempos tornaram-se reais nos anos seguintes — terrorismo internacional, mudança climática, crise financeira e monetária e, finalmente, grandes movimentos migratórios —, apesar de não estarmos preparados para isto politicamente. E também do lado subjetivo não se instituiu um sentimento forte e cosmopolita do “nós”. Experimentamos, muito mais, uma renascença étnica, nacional e confessional das diferenças entre o nós e o eles. Depois do suposto “fim da história”, a lógica de uma “luta das culturas” substituiu surpreendentemente rápido o esquema “amigo-inimigo” da guerra fria.

Olhando sob este contexto, a regressão que se espalhou no final do outono de 2015, os acontecimentos seguintes — como o conflito na Síria, o resultado da votação do Brexit, o atentado em Nice, os sucessos da Alternativa

13. Freiheitliche Partei Österreichs ou Partido Austríaco da Liberdade (extrema-direita), que voltaria a integrar o governo em fins de 2017. [N.T.]

14. Ver também Ulrich Beck. *Der kosmopolitische Blick oder: Krieg ist Frieden*. Frankfurt: Suhrkamp, 2004.

para a Alemanha (Alternative für Deutschland — AfD) na Alemanha, a tentativa de golpe na Turquia e suas conseqüentes reações políticas, a vitória eleitoral de Trump, etc. — encaixaram-se muito bem neste panorama sombrio.

Enquanto se falou até agora sobretudo de riscos *da globalização*, vários ensaios desta coletânea enfatizam tratar-se de uma globalização de *mercado radical*; por isso poderíamos falar da mesma forma de riscos do *neoliberalismo*. Assim, os artigos aqui reunidos também podem ser entendidos como estudos sobre em quantos aspectos — citando Ernst Wolfgang Böckenförde de outra forma¹⁵ — as democracias neoliberais vivem de precondições que elas mesmas não podem garantir: mídias que ofereçam certo pluralismo de opinião, associações intermediárias como sindicatos, partidos e organizações, nas quais as pessoas podem experimentar algo como uma autoeficácia; partidos realmente de esquerda, que consigam articular os interesses de meios diversos; e um sistema educacional que não reduza a educação ao fornecimento de “capital humano” e à “decoreba” dos critérios do Pisa.

Possivelmente, a grande regressão agora observada é o resultado de uma *combinação* de riscos da globalização e do neoliberalismo: os problemas resultantes da falta de condução política na interdependência global atingem

15. Lê-se no livro de Böckenförde, mesmo que em outro contexto: “O Estado liberal e secularizado vive de precondições que ele mesmo não pode garantir.” (Ernst-Wolfgang Böckenförde. “Die Entstehung des Staates als Vorgang der Säkularisation”. In: idem. *Staat, Gesellschaft, Freiheit. Studien zur Staatstheorie und zum Verfassungsrecht*. Frankfurt: Suhrkamp, 1977 [1967], p. 42-64, p. 60.)

sociedades que não estão preparadas para isto institucional e culturalmente.

Este livro quer retomar a discussão sobre a globalização dos anos 1990 e prossegui-la. Cientistas e intelectuais manifestam-se aqui sobre questões urgentes: Como chegamos a esta situação? Onde estaremos daqui a cinco, dez ou vinte anos? Como deter a regressão global e invertê-la? Trata-se de uma tentativa de estabelecer, frente a uma “Internacional dos Nacionalistas”, algo como uma esfera pública transnacional em três níveis: no nível das colaboradoras e dos colaboradores, no nível dos fenômenos investigados e no nível da distribuição (a coletânea é publicada simultaneamente em vários países).

Meus agradecimentos vão, em primeiro lugar, às colaboradoras e aos colaboradores por sua prontidão em participar desta empreitada e produzir, em um tempo relativamente curto, textos substanciais. Além disso, agradeço às editoras parceiras por sua confiança no projeto, assim como a Mark Greif e John Thompson por seus conselhos. Esta coletânea é também um projeto editorial que não teria sido possível sem meus colegas da Suhrkamp. Por isso, um agradecimento especial vai para Edith Baller, Felix Dahm, Andrea Engel, Eva Gilmer, Petra Hardt, Christoph Hassenzahl, Christian Heilbronn, Nora Mercurio e Janika Rüter.

Berlim, dezembro de 2016

Heinrich Geiselberger

(tradução: Silvia Bittencourt)

Um debate internacional sobre novos populismos de direita, a brutalização da cultura política, o surgimento de demagogos autoritários — e o que podemos fazer quanto a isso.

HEINRICH GEISELBERGER | ARJUN APPADURAI | ZYGMUNT BAUMAN
DONATELLA DELLA PORTA | NANCY FRASER | EVA ILLOUZ
IVAN KRASTEV | BRUNO LATOUR | PAUL MASON
PANKAJ MISHRA | ROBERT MISIK | OLIVER NACHTWEY
CÉSAR RENDUELES | WOLFGANG STREECK | DAVID VAN REYBROUCK
SLAVOJ ŽIŽEK | RENATO JANINE RIBEIRO

Tradução

Silvia Bittencourt
Alexandre Hubner
Débora Landsberg
Sérgio Molina
Luciano Vieira Machado

Black Tower © Pexels/Todd Trapani

